

Participação nas aulas: Pensando a Educação Física Escolar sob a perspectiva de gênero.

Profa. M^a. Juliana Fagundes Jacó

Resumo:

Nas aulas de educação física, é comum as meninas se considerarem menos aptas e até mesmo desencorajadas a participarem das atividades de aula. Sendo assim, esta pesquisa buscou analisar as diferenças nas participações de alunos e alunas nas aulas de educação física, problematizando como gênero perpassa as aulas e os sujeitos envolvidos. Para a pesquisa, realizou-se observações e entrevistas semi-estruturadas com alunos e alunas de quatro 8^o.anos de duas escolas públicas de Campinas-SP. Através das entrevistas, buscou-se identificar alguns elementos que contribuem nas diferentes formas da participação, analisando quais os referências sobre feminino e masculino predominam para os sujeitos envolvidos e nas aulas observadas. Os dados obtidos mostram que há diferentes formas de participar e de não participar das aulas, formas que vão além do binarismo Participar X Não Participar e que são influenciadas tanto por questões de fora da escola, quanto de dentro da educação física escolar. As discussões desse trabalho, então, se organizam no sentido de refletir sobre essa diferentes maneiras de participar das aulas se configuram e, além disso, problematiza como situações de fora da educação física escolar e as que ocorrem dentro das aulas vão compondo diferentes participações e limitando as participações da maioria das meninas quando comparadas com as dos meninos. Os dados dessa pesquisa mostram que as experiências distintas com o corpo e movimento de meninos e meninas fora da escola contribuíram significativamente com a participação e envolvimento nas aulas. Além disso, as participações de meninas e meninos estavam entrelaçadas pelos sentidos de feminilidade e masculinidade predominantes nas atividades dirigidas nas aulas, ou seja, nos conteúdos selecionados e na forma de organização de tais conteúdos.

Palavras- chaves: Educação Física, Gênero, Aprendizagem.

A não participação nas aulas de educação física.

Durante as aulas de educação física o corpo torna-se evidente. O corpo que em muitos outros momentos vividos na escola está esquecido atrás de uma mesa, sentado e inerte, é colocado em evidência nas aulas de educação física. Participar dos conteúdos trabalhados nas aulas não exige somente o envolvimento intelectual, mas também requer um envolvimento corporal, que nas demais disciplinas escolares não ocorre de maneira tão intensa. Por isso, também se torna evidente quando ocorre o oposto, ou seja, quando alguém não se envolve com as aulas. Quando alguém não participa dos conteúdos propostos é facilmente percebido/a, pois fica fora da aula, geralmente sentado/a nas arquibancadas, nos cantos, de maneira que essa não participação seja visível para todos/as.

As conversas com professores/as e a minha própria experiência como pesquisadora e professora apontam o dado de que com o passar dos anos escolares muitos/as alunos/as deixam de participar das aulas de educação física. Além disso, quando visualizamos esse grupo visivelmente fora das propostas de aula, outro dado chama a atenção: percebe-se que é comum que haja mais meninas do que meninos visivelmente fora das aulas de educação física. Sendo, então, as meninas a maioria em não participar das aulas.

Em pesquisa realizada com 82 alunos/as que não participavam das atividades de aula de educação física de quatro escolas públicas de Campinas-SP entre 8º. 9º. anos, constatou-se que 83% dos não participantes foram meninas. A maioria das justificativas dadas por esses alunos/as para a sua não participação foram: não sabiam jogar, não gostavam de usar vestimentas específicas para a aula e não tinham motivação (JACÓ, 2008).

Da constatação de que as meninas são maioria entre os/as não participantes das atividades das aulas de educação física, surgiu a ideia de pesquisar como essa diferença se constitui nessas aulas. Por que mais meninas do que meninos deixam de participar da aula? Por que as meninas se sentem menos interessadas em se envolver com as atividades de educação física, principalmente quando estão na adolescência? Por que existe um grupo que participa e outro que não participa?

No caminho de pensar sobre essas questões utilizou-se gênero como uma categoria de análise. Joan Scott coloca que gênero é *Um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornecem um meio de decodificar o significado e compreender as complexas formas de interação humana.* (SCOTT, 1995, p.89). Sendo assim, gênero pode ser entendido como construções culturais das diferenças tendo como ponto de partida as diferenças percebidas entre os sexos. Com essa perspectiva de gênero, busca-se entender as diferenças nas participações, nas atitudes e comportamentos percebidos entre meninos e meninas nas aulas de educação física como parte das construções do feminino e masculino a partir de lógicas binárias e socialmente instituídas.

Judith Butler (2003), no entanto nos faz pensar o quanto essa lógica binária é falha, pois existem inúmeras pessoas que “escapam” a ela. A lógica binária das identidades de gênero é construída a partir do referencial biológico e médico que constrói verdades, mas para Butler as identidades de gênero não são espaços fixos, e sim de constantes diálogos, de tensões e negociações, que extrapolam essa lógica binária e que há sempre aqueles que rompem com essas barreiras do que se entende por feminino e masculino.

Sendo assim, ao pensar em Gênero como categoria de análise, as pesquisas em educação física buscam situar como as diferenças nos significados atribuídos culturalmente ao feminino e ao masculino educam também gostos, interesses, formas de ser, de vestir, de utilizar seus corpos dentro dessa lógica binária, que pode ser construída, negada, reforçada, problematizada e relativizada nas aulas de educação física e na escola como um todo.

A pesquisa:

Em se tratando de uma pesquisa, todas as palavras, ideias e narrativas apresentadas nesse texto partiram do que se chama, em pesquisa, de *problema*, os quais já foram descritos anteriormente como sendo, sobretudo, as diferenças nas maneiras de participar das aulas de educação física entre meninas e meninos. Sendo assim, ao pesquisar, há como ponto de partida um problema a ser resolvido. Conforme afirmam Christian Laville e Jean Dionne (1999), ao perceber um problema, inúmeros fatores influenciam o/a pesquisador/a, a pensar uma solução possível para esse problema, ou seja: uma *hipótese*.

Um pesquisador, ou uma pesquisadora, sabe que sua hipótese não é a única possível na solução desse problema, que outras possibilidades de solução poderiam ser consideradas. Mas delimita-se àquela que pensa ser a melhor e parte em direção à compreensão do problema, mas deixando os olhos abertos para o novo, o inesperado e diferente daquela hipótese com a qual seguiu em frente, em busca da compreensão do *problema*.

Foi com essas questões que seguiu-se o caminho em busca da experiência para essa pesquisa. Não se foi em busca de um experimento, mas da experiência. Considerando o que Jorge Larrosa (2002) chamou de experiência: “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p.21). Sendo experiência para esse autor um local de encontro e fazer experiência significa que algo nos acontece, que nos tomba e nos transforma.

Sendo assim, ir pesquisar foi ir ao encontro de algumas situações e pessoas com um *problema* em mente e se transformar por esse encontro a ponto de poder escrever algumas ideias sobre ele. Isso é bem diferente de partir em busca de um experimento. O experimento busca um conhecimento total, acabado e determinado. O que se sabe não ser viável quando falamos de seres humanos, ativos e transitórios. Isso porque, nessa pesquisa não se fala somente de alunos e alunas, professores e professoras como personagens estáticos de um contexto, pois “o indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio.” (Bakhtin, 2004, p.395) Falamos de seres humanos que são “ativos e livres, com suas próprias formas de agir e reagir” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 33). Por isso não podem ser vistos como “coisas” e que proporcionariam ao final deste texto uma lei universal como solução do problema, “pois o verdadeiro em ciências humanas, apenas pode ser um verdadeiro relativo e provisório” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.35).

O caminho escolhido para essa pesquisa e essa experiência foi a realização de entrevistas e observações em duas escolas públicas de Campinas-SP, em turmas de oitavo ano. Essa escolha do ano escolar se deu tanto pela idade de alunos/as dessas turmas (considera uma idade em que muitos/as começam a se afastar das aulas de educação física), como pelo fato de que alunos/as desse ano escolar já possuem sete anos, no mínimo, de experiência com a educação física na escola, experiência significativa na composição dos significados atribuídos às aulas.

As entrevistas ocorreram com alunas, alunos e professores/as com o foco de ouvir os sujeitos, suas opiniões, percepções e experiências com a educação física escolar. As observações das aulas tiveram o objetivo de ser uma ferramenta para conhecer a realidade e auxiliar na organização, realização e análise das entrevistas.

Na Escola Marta, a pesquisa ocorreu nos meses de Maio e Junho/2010. Na escola Paula, nos meses de Setembro e Outubro/2010. Todos os nomes que aparecem nesse texto são fictícios.

Diferentes Maneiras de Participar das Aulas

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, “a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, 1996) Essa afirmação legitima a educação física como espaço de ensino-aprendizado e não mais como atividade extracurricular, recreativa ou livre. Ela concebe a Educação Física escolar como pertencente ao domínio da Educação e tal pertencimento faz com que o processo educacional seja princípio primordial e estruturador de sua prática. (VAGO, 2009). Com isso, proporcionar situações de ensino/aprendizado de seus conteúdos passa a ser o objetivo da educação física na escola, o que é distinto de conceber esse espaço como destinado à mera prática de atividade física.

Criar situações de aprendizado dos conteúdos da educação física envolve criar situações nas quais o corpo e os movimentos estejam envolvidos de maneira significativa. Por isso, participar da aula e das atividades propostas de maneira que esse corpo esteja em movimento é entendido como um dos elementos fundamentais, mas não exclusivos, para o aprendizado de seus conteúdos. Quando um/a aluno/a deixa de participar das atividades de aula, não as vivenciando com seu corpo e movimento, não ocorrem situações de aprendizado eficazes daquele conteúdo, ou seja, um aprendizado que possibilite que esses alunos e alunas apropriem-se dos conteúdos específicos da educação física (o Jogo, a Ginástica, a Luta, o Esporte, a Dança) e sejam capazes de ter autonomia em suas práticas, tendo compreensão sobre estas. Sendo, então, uma preocupação comum entre professores/as integrar todos/as alunos/as nas atividades de aula, proporcionando a presença física no que é proposto.

No entanto, proporcionar situações de aprendizado nas aulas de educação física é muito mais amplo do que simplesmente integrar todos/as nas atividades. Para propor situações de ensino aprendizado é preciso compreender as diferenças nas maneiras de participar das aulas de educação física, e, além disso, compreender como meninos e meninas significam as aulas e para isso é necessário reconsiderar algumas premissas. A principal delas é reconsiderar que é somente quando um/a aluno/a se coloca fisicamente fora da atividade de aula é que não está participando ou não tendo experiências de ensino- aprendizado eficazes.

Durante essa pesquisa foi possível chegar a essa reflexão logo no início, durante as observações na Escola Marta. Tais observações mostraram que naquelas turmas de 8º. Ano não havia nenhuma pessoa fora das atividades de aula. Ninguém se colocava as margens da quadra. Um primeiro olhar desatento poderia dizer, então, que ali, alunos e alunas vivenciavam um contexto igualitário de ensino-aprendizado, no qual meninas e meninos participavam igualmente e tinham experiências significativas com as aulas de educação física, uma vez que todos/as estavam fisicamente presentes nas atividades dirigidas pela professora.

No entanto, ampliando o olhar foi possível notar que estar às margens da educação física na Escola Marta não se dava necessariamente pela exclusão física da atividade de aula. Mas, sim, na forma como alunos e alunas se relacionavam nas atividades e com as atividades. Ou seja, apesar de estarem fisicamente presentes, nem todo/as participavam igualmente da aula. Nem todos/as de fato participavam da atividade. Considerando-se que participar da aula é interagir com as atividades propostas e com as demais pessoas da turma, ser atuante, se apropriar do que acontece naquele tempo e espaço.

A partir das observações foi possível constatar que diferentes grupos se formavam naquelas aulas, grupos com maneiras distintas de participar da aula: Figurantes/ Flutuantes/ Protagonistas, maneiras que nem sempre proporcionam um aprendizado qualitativo por todos/as.

Os/as Protagonistas, sim, participavam ativamente de todas as aulas. As pessoas desse grupo corriam atrás da bola, realizavam passes, negociavam as regras com a professora, executavam as propostas com animo e dedicação, buscavam compreender as propostas, as regras, os jogos.. Nunca estavam na periferia do processo de ensino – aprendizado.

Já os/as Figurantes eram aqueles/as pessoas que também estavam presentes nas atividades de aula. Mas mal se mexiam em jogo, era como se fossem invisíveis nos jogos, ou visíveis por se esquivarem o tempo todo, gritarem de medo, quase não interagirem e não realizavam a proposta. Pouco interagiam com o que era proposto e com os/as demais colegas durante as atividades coletivas e nas atividades individuais costumavam burlar a organização da aula, para “despercebida” não realizarem o que era proposto.

Flutuantes eram aquelas pessoas que participavam como Figurante das propostas dirigidas pela professora, mas em momentos de livre escolha participavam ativamente. Nesses momentos, escolhiam seus grupos e brincavam animadamente, livremente.

A descrição de um jogo de queimada observado em uma das turmas exemplifica essa situação:

“ Durante o jogo, as equipes, que eram mistas, ficaram divididas ao meio. Geograficamente em um lado do campo, os meninos e do outro, as meninas. Essa cena demonstra que os alunos e alunas “pareciam incorporar, no sentido de tornar parte de seus corpos, as fronteiras que o “aparato de gênero” visa produzir em nossa sociedade.” (Fernandes, 2010, p. 104). Além disso, as meninas mal se mexiam, pois a bola ficava a maior parte do tempo em posse dos meninos e eles somente tentavam queimar os meninos. As meninas ficavam em quadra, mas somente para fazer volume, os meninos nem mesmo olhavam para elas para tentar queimá-las. Quando algum menino mirava em uma das meninas, na primeira tentativa ela era queimada e ia ao cemitério, onde continuava a observar o jogo animado entre meninos. Os meninos e somente duas se jogavam no chão, corriam atrás da bola, brigavam, tentavam infringir as regras negavam quando haviam sido queimados isso até a professora intervir dando o veredito se havia queimado ou não. As meninas, por sua vez, soltavam alguns gritos como que demonstrando medo, não buscavam a bola, não infringiram as regras e se diziam que elas haviam sido queimadas, aceitavam tranquilamente.”(Trecho do diário de Campo)

Observou-se na escola Marta que todos os meninos tinham atitudes de Protagonistas e somente duas meninas se colocavam nesse grupo. Todas as demais eram dos grupos Figurantes e Flutuantes.

Na Escola Paula, essas diferentes maneiras de participar das aulas também ocorriam. Mas as configurações dos grupos eram um pouco diferente. Além dos/as

Protagonistas e Figurantes, nessa escola havia os/as Excluídos/as, além disso, alguns meninos não estavam no grupo de Protagonistas.

Os/as Excluídos/as eram sobretudo as meninas (e alguns meninos) que ficava fisicamente fora das atividades de aula. Sempre no mesmo lugar: Sentados/as atrás de um dos gols da quadra. Esse grupo ficava ali tanto quem não ia com o uniforme solicitado pelo professor dessa escola (que estivessem de tênis e algo que não fosse calça jeans). Nesse local conversavam, ouviam música, paqueravam , ou seja, não interagiam de nenhuma maneira com as aulas.

A partir desses dados apresentados, compreende-se que estar na margem da quadra não é somente estar de fora das aulas de educação física. Estar de fora das aulas de educação física, pode ser uma das formas de estar às margens do processo de ensino aprendizagem, mas existem outras formas de povoar as margens da aula. No entanto, apesar de todas as formas distintas de povoar a periferia das aulas, ela é formada, sobretudo, pelas meninas e isso pode ser observado nas duas escolas frequentadas para essa pesquisa.

Daniela Finco (2008) nos aponta a necessidade de pensar no quanto diferentes mecanismos sociais atuam na educação de meninos e meninas ao longo de suas trajetórias e como tais mecanismos deixam marcas inscritas em seus corpos. Essa educação diferenciada de meninos e meninas ensina comportamentos, posturas, verdades e saberes sobre o que é feminino e o que é masculino. Em outro texto, Finco (2008) também nos apresenta que esses mecanismos atuam de maneira lenta, muitas vezes são reforçados por pequenos gestos inconscientes que direcionam práticas e comportamentos esperados de meninos e meninas. Dessa maneira, vão sendo impressos e instituídos os significados de cada gênero em dado contexto, cultura e sociedade.

Esses padrões culturais de conduta do que é tido como feminino e masculino influenciam também as ações de alunas e alunos em todo percurso escolar, pois a diferenciação de meninas e meninos implica no “*ensino/ aprendizagem de valores, conhecimentos, posturas, movimentos corporais, ‘apropriados’ a cada sexo.*” (SOUSA, p. 17, 1994). Esse ensino/aprendizagem vai compondo diferenciações entre os gêneros.

Tais diferenças são comumente percebidas nas maneiras como meninos e meninas participam, interagem e demonstram interesses e habilidades nas aulas de educação física, pois essa distinção no ensino/aprendizado entre meninas e meninos

acarreta também em possibilidades corporais diferenciadas e vai promovendo gostos, interesses e formas de alunos e alunas se apropriarem ou não das aulas de educação física.

Esse ensino-aprendizado ocorre tanto na escola e nas aulas de educação física, como também no âmbito familiar e social de alunos/as. Para compreender mais profundamente essas diferenças nas maneiras que meninos e meninas participam das aulas de educação física, é necessário entender também qual a influência desse ensino-aprendizado na formação de alunos/as.

Diferentes Experiências/ Diferentes Expectativas

Para compreender mais profundamente as diferentes maneiras de participar das aulas é necessário o entendimento de que nossos/as alunos/as são seres culturais, ou seja, conforme apresenta Clifford Geertz (1989), é necessário que entendamos que todo ser humano é amarrado em teias de significados e a cultura seria essas teias e suas significações. Sendo assim, os alunos e alunas que estão na escola atribuem significado às diferentes práticas corporais não somente pelas informações que a escola e, mais especificamente, a educação física fornecem. Mas também pelos sentidos, vivências, valores, normas, que a cultura na qual estão inseridos/as entende tais práticas corporais, ou seja, por uma rede de representações que vai moldando cada aspecto da vida social, inclusive sobre os saberes que circulam nas aulas de educação física.

Sendo assim, não são somente as informações e experiências vividas por alunos/as nas aulas de educação física que compõem os sentidos atribuídos por alunos/as às práticas corporais. Antes mesmo de entrar na escola, alunos/as já vivências seus corpos e as práticas corporais de diferentes maneiras e intensidades.

Para entender mais sobre as experiências, Durante as entrevistas, buscou-se verificar, entre outras questões, como a família atua dando apoio social para alunas/os participarem das aulas de educação física e/ou práticas corporais fora escola, fosse em instituições formais como Academias, Clubes, e “Escolinhas”¹ ou em momentos livres, como prática de lazer em ruas, parques etc. Nesta pesquisa, foi considerado como “Apoio Social” os incentivos verbais e em ações diretas recebidos pelos/as alunos/as.

¹ Nesse termo estão sendo consideradas atividades regulares, formais, em instituições como clubes, academias etc, que têm o foco no ensino-aprendizagem e treinamento de modalidades esportivas, também conhecidas por “Escolas de Esporte”. A opção na utilização do termo “Escolinha” foi feita por ser assim que nas escolas pesquisadas os/as alunos/as e professor/a se referiram a essa prática.

Sendo considerado, então, Apoio Social, como as atitudes dos familiares que direcionam para inclusão em práticas corporais assim como as falas e ações desses familiares motivando alunas e alunos a participarem de práticas corporais tanto na escola como fora da escola. Para saber sobre isso, durante as entrevistas, questionou-se o/a entrevistado/a se percebia receber apoio de seus familiares, questionou-se como percebia receber esse apoio, o que seus familiares falavam e o que faziam em relação a esse assunto.

Os dados foram apontando um caminho do que é valorizado pelos familiares desses alunos e alunas no que se refere às práticas corporais. Ao pensarmos no que é valorizado pelos familiares em relação às práticas corporais podemos pensar quais são os entendimentos e significados que o meio familiar atribui não somente as práticas corporais como um todo, mas como entendem a educação física, qual o lugar da educação física para essas pessoas e como isso se relaciona com o gênero.

Alguns dados importantes sobre esse apoio social e sobre as práticas corporais vivências fora da escola foram obtidos durante as entrevistas. Como o fato de que a maioria do grupo Protagonista recebe apoio para atividades em “Escolinhas” enquanto que para as Figurantes e Flutuantes a maior parte do apoio foi para práticas livres. Além desse apoio social ser para atividades diferentes, pode-se dizer que são também de maneiras distintas entre os grupos de Protagonistas, Figurantes e Flutuantes.

Isso pode ser visto, por exemplo, no fato de que no grupo de pouca participação (Figurantes e Flutuantes), seis meninas disseram receber apoio social para alguma prática corporal, mas isso se dá de maneira não diretiva, ou seja, o incentivo vem através de falas e discursos associados a ideias do tipo: “Atividade Física faz bem a saúde”, mas não com ações que proporcionem experiências com práticas corporais, incentivando atividades concretas (seja participar das aulas de educação física, escolinhas ou práticas nos momentos livres). Enquanto isso, percebe-se que no grupo de Protagonistas há um incentivo mais diretivo da família para as práticas de atividades físicas, ou seja, o apoio vem associado a práticas reais (seja na escola, na educação física, na rua).

Percebe-se, analisando as entrevistas, que o grupo de Protagonistas recebe incentivo mais efetivo, diretivo para a prática de atividades corporais e que se materializa, inclusive, no fato de que de 10 Protagonistas da Escola Marta, sete alunos/as realizam atividades fora da escola em instituições formais (70%). Na Escola

Paula, das 12 pessoas protagonistas, sete afirmaram estar frequentando atividades formais (58,6%) . Em alguns casos, inclusive, praticam mais de uma modalidade.

Além disso, os esportes são os itens mais citados pelos meninos, principalmente o Futebol. Já as meninas têm suas práticas mais diversificadas, sendo tanto atividades esportivas quanto ginástica e Ballet.

Quaro1. Quantidade de Protagonistas e Atividades praticadas fora da escola.

ATIVIDADE	MENINAS	MENINOS
Futebol	01	07
Vôlei	02	00
Judô	01	02
Tênis	00	02
Handebol	01	00
Ballet	02	00
Gin. Artística	01	00

Com base nesses dados, nas observações e entrevistas foi possível constatar que os incentivos nas formas de ações diretivas para práticas corporais fora da escola dos/as Protagonistas foram muito importantes para a maneira como o/a aluno/a participava da aula. Isso porque tais apoios proporcionaram experiências e repertórios com o corpo e o movimento de alunos/as que possibilitaram mais sucesso nas aulas de educação física quando comparados com aquele/as com menos experiências fora da escola. Aqueles/as que vivenciaram práticas corporais fora da escola possuíam mais tempo de prática, mais experiências corporais, mais domínio dos saberes que circulavam pela aula. Isso possibilitou uma diferenciação nas habilidades quando comparados com quem tem poucas experiências.

Além disso, quem já dominava alguns conhecimentos sobre os conteúdos trabalhados nas aulas de educação física, além de ter uma participação mais ativa nas aulas, acabava tendo posições de destaque e contribuindo para que quem dominasse alguns saberes participassem mais do que quem ainda não domina. Isso ocorria, porque

os/as Protagonistas tocavam a bola entre si, excluíaam das atividades quem não sabia, zombavam dos erros das pessoas que tinham mais dificuldade.

Sendo assim quem “não sabe” nas aulas de educação física acabava tendo menos possibilidades de participar, de interagir, como disse a aluna Branca, que está no grupo das Figurantes da Escola Marta: - *Porque tem vezes que a gente erra lá, eles ficam tirando sarro da gente. E eu não gosto. Prefiro jogar aqui.*

Nesse relato a garota explica porque costuma não participar das aulas no grupo dos Protagonistas, preferindo pegar a bola e ficar separada com outras meninas do grupo de Figurantes. Essa fala mostra que o fato de não saber é determinante para a sua não integração na atividade em que estão os/as Protagonistas. Branca sentia-se constrangida, intimidada ao ver seu erro exposto e negativizado por quem não cometia os mesmos erros. Assim, muitas vezes quem não dominava previamente os conteúdos das aulas de educação física acabava tendo menos oportunidade de aprendizado, enquanto quem já tinha conhecimentos prévios, acaba participando mais e adquirindo ainda mais novos saberes.

Sendo assim, nas escolas Marta e Paula, o fato de meninas receberem menos apoio e incentivo para participarem de práticas corporais, pode ter contribuído para que elas tivessem pouca participação nas aulas. Isso pode se dar tanto pela falta de apoio em si, quanto pelo fato de que, por receberem menos apoio, acabam também tendo menos experiências que contribuíssem para que tivessem um bom desempenho nas atividades de aula, visto que os meninos recebem mais apoio para que participem de práticas corporais fora da escola, apoio que promove experiências diferenciadas com o corpo e movimento. Tais experiências enriqueceram o repertório desses meninos e possibilitam maior sucesso nas aulas de educação física. A professora da escola Marta se dá conta dessa diferença promovida pelo repertório de experiências trazidas de fora ao dizer sobre as diferenças percebidas nas habilidades de suas turmas:

Profa. Fernanda (Escola Marta): *Geralmente as meninas nessa parte (habilidades) têm um pouquinho mais baixo, eu percebo que o nível é um pouquinho mais baixo. Aí eu acho que tem o fator cultural, desde pequeno, porque menina brinca de boneca e o menino vai jogar bola, o menino pode brincar na rua e a menina fica dentro de casa, eu acho que tem muito a ver, a menina tem que ser comportada, o menino não.*

Além disso, as diferentes vivências, aprendizados e apoio social da família vão oportunizando um repertório de conhecimentos sobre as práticas corporais bastante distintos entre meninos e meninas. As meninas recebem apoio social, sobretudo, para práticas ligada à saúde e estética, como exemplificado nesse trecho de entrevista de duas meninas da Escola Paula. Karla é do grupo dos Figurantes na aula e Brenda é das Excluídas; quando perguntadas sobre se recebem algum incentivo da família relataram:

***K:** Recebo, meus pais sempre falam “você tem que fazer atividade física!” Meu pai e minha mãe estão sempre me colocando para fazer caminhada.*

***B:** Incentivo eu não sei, mas minha mãe sempre fala que eu vou virar uma baleia gorda se eu não fizer nada.*

Apesar de saber que a prática voltada para a estética e/ou saúde também proporcionem conhecimentos em relação ao corpo e ao movimento, os são saberes que circulam nessas práticas, como a caminhada (por exemplo) são diferenciados quando comparados com os saberes que organizados, sistematizados, formalizados que circulam na escola e na “escolinha”. E ao receberem o apoio social direcionado a práticas livres e para saúde e/ou estética, muitas meninas vão construindo um repertório corporal diferenciado em comparação com quem participa de espaços voltados para o aprendizado de modalidades esportivas, que foram as práticas mais incentivadas para os meninos. Nas aulas de educação física, o repertório de movimento trabalhado se aproxima muito mais aos conhecimentos adquiridos nas “escolinhas” de esporte, facilitando a ainda mais a participação nas aulas de quem frequenta essas atividades fora da escola.

Além disso, esse direcionamento de meninos e meninas para atividades distintas mostra o quanto as práticas corporais estão ainda generificadas, ou seja, ainda prevalece o entendimento de que há práticas mais indicadas para homens e mulheres. Essas práticas seriam “indicadas”, pois se adequariam às diferenças biológicas de homens e mulheres e supririam as necessidades diferentes de homens e mulheres no que se refere aos seus corpos. No entanto, essa diferenciação produz e reproduz entendimentos distintos sobre o corpo de meninas e meninos.

As aulas de educação física: Expectativas e significados

Anteriormente, vimos quais bagagens alunos/as levavam para as aulas de educação física e como essa bagagem aparecia no cotidiano. Agora, quais os sentidos de feminilidade e expectativas quanto à participação de meninos e menina predominavam nas aulas observadas?

Para isso, é importante compreender que nas aulas acompanhadas, o sentido de educação física era atrelado ao Esporte. Nos dias de hoje, novas propostas para a área ganharam espaço e nem sempre a educação física atual tem como conteúdo o Esporte. Mas, apesar disso, para muitas pessoas a educação física ainda é sinônimo de esporte. Isso pode ser percebido, por exemplo, pois mesmo que nas escolas observadas o esporte não fosse o único conteúdo das aulas, ele era base para a organização das atividades que visavam desenvolver habilidades para a prática de esporte (como o circuito já descrito anteriormente). Além disso, apesar dos jogos estarem bastante presentes nas aulas observadas, as propostas dos jogos também se davam pautadas em características muito próximas aos esportes como o foco na competição, na busca do melhor desempenho, no enfrentamento e no produto final- a vitória.

É importante considerar que o conteúdo Esporte tem muito dos seus significados atrelados ao universo do masculino. Norbert Elias e Eric Dunning (1985) afirmam ser o esporte uma área masculina reservada, atuando na produção e reprodução da identidade masculina. Estudando o Esporte Moderno, Dunning analisa o Rugby nas escolas públicas inglesas no Século XIX, o autor mostra que era associada a ideia de virilidade a essa prática esportiva, em que “a força e a coragem, traduzidos em caneladas, era o critério principal para o estabelecimento de uma reputação de virilidade em jogo” (ELIAS e DUNNING, 1985, p. 397).

Percebeu-se nas entrevistas que participar, ter afinidade com os conteúdos e ser motivado/as nas aulas de educação física (entendida através do Esporte), é ainda considerado como consequência de características pertencentes aos meninos, como exemplificado nesses trechos de entrevistas:

Fabio (Protagonista- Escola Paula): Os meninos participam mais das aulas de educação física...eles gostam mais, as meninas já não (gostam). As meninas têm medo de se machucar, de cair. Os meninos não. Elas ficam muito lerdas, demoram para passar a bola, daí os meninos não gostam.

Paula (Excluída) e **Laís** (Figurante- ambas da escola Paula):

P: Os meninos participam bem mais...

L: É mais os meninos.

P: Os meninos gostam de se exercitar

L: Eles gostam de jogar...

P: As meninas não gostam muito, preferem ficar sentada conversando, ouvindo música, é bem melhor.

L: Os meninos são mais brutos, acho que são bem mais que as meninas.

P: Eles têm mais vontade de fazer.

Márcio (grupo Protagonista- Escola Marta): *Os homens têm mais desempenho, as meninas não.*

Amanda (Figurante- Escola Marta): *Os meninos pulam mais, jogam a bola forte, as meninas são mais sensíveis*

Todos esses entendimentos vão configurando o contexto das aulas de educação física, que foram associadas ao Esporte. Sendo o gosto pelo Esporte e pelas aulas de Educação Física para aquele grupo de alunos/as algo inato aos meninos, por possuírem atributos que os favorecem nas aulas. As meninas, por sua vez, conforme apresentado nas falas acima, são apresentadas com características opostas as dos meninos.

Além disso, esses entendimentos criam expectativas e entendimentos quanto às participações de meninos e meninas nas aulas, que passam a ser compreendido pelos sujeitos envolvidos como algo natural, ou seja, é tido como normal meninos serem melhores, participarem mais.

É com relação à essas expectativas e entendimentos que meninos e meninas agem muitas vezes para cumprir com o que se espera deles e delas. Ileana Wenz e Marco Paulo Stigger (2006) relatam que existem regras implícitas, que não estão em lugar algum escritas, mas que ensinam, definem gostos, interesses, o que pode fazer e o que se espera de meninos e meninas. Completando essa ideia, Louro nos diz que “dessa forma, a escola delimita os espaços, separa e institui o que cada um pode e não pode fazer, ela ‘informa o 'lugar' dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas” (WENETZ e STIGGER, 2006, p.71).

Situações recorrentes da escola delimitando as normas do que pertence aos meninos e às meninas acontecem cotidianamente não somente nas aulas de educação física. Essas ações também direcionam o entendimento que meninas e meninos têm também sobre seus corpos. Louro nos fala sobre a educação física nessa perspectiva apontando quanto, muitas vezes, nas aulas, são evidenciados o disciplinamento em

busca de normatividades de gênero, disciplinamento que se dá não somente por mecanismos de punição, mas também de discursos, estratégias sutis, pequenas ações:

O uso de alinhamentos, a formação de grupos e outras estratégias típicas dessas aulas permitem que o professor ou professora exercite um olhar escrutinador sobre cada estudante, corrigindo sua conduta, sua postura física, seu corpo, enfim, examinando-o/a constantemente. Alunos e alunas são aqui particularmente observados, avaliados e também comparados, uma vez que a competição é inerente à maioria das práticas esportivas. (LOURO, 1997, p. 75)

Nos contextos das aulas observadas para esta pesquisa, pareceu estavam estabelecidas as diferenças de habilidades entre meninos e meninas e as diferenças de condutas ativas e passivas de meninos e meninas. Durante as aulas de educação física, as meninas ficarem de canto, tocarem menos na bola, não reclamarem, foi tido como normal. Meninas participarem menos do que os meninos nas atividades de aula acabava sendo o esperado, pois seus interesses não eram compatíveis com a aula:

***Prof. Jonas:** ela já está preocupada com outras coisas além da atividade física, e na escola vai cansar, vai ficar fedida, é no horário de aula, ela quer namorar na hora do intervalo e o menino ainda está naquela fase em que ele pode unir as atividades físicas a outras práticas.*

***Profa. Fernanda:** Outra coisa é que na idade deles as meninas não querem ficar se sujando, nem sempre vêm com uniforme, vêm de batom, está arrumadinha, não quer estragar o cabelo.*

E isso, muitas vezes, foi reforçado durante a aula tanto pela falta de interferência da professora e do professor que não realizavam ações no sentido de estimular as meninas a participarem mais, criando situações favoráveis de participação e aprendizado para elas, como pelas próprias alunas e pelos alunos envolvidas/os nas aulas, que acabam agindo de acordo com as expectativas em relação a eles e elas.

Educação Física como possibilidade de diversidade

Apesar de muitas meninas vivenciarem seus corpos durante as aulas através de um entendimento que tem como referencial uma normatividades para o gênero feminino de que a mulher é frágil, pouco apta, naturalmente sem gosto e interesse pelas aulas,

outras maneiras de “ser menina” foram vistas através das Protagonistas, ou seja, outras possibilidades existiam naquele contexto. Havia, naquelas aulas, meninas que buscavam outros referenciais, vivenciavam seus corpos de outras maneiras. Por isso, é possível pensar que as aulas de educação física também podem ser espaço para a diversidade, para outras formas de entender e compreender cada gênero nas práticas corporais. Apresento a seguir uma reflexão sobre quem são essas meninas, que possibilidades diferentes encontraram, como escapam e criam outras formas para ser e estar nas aulas de educação física.

As experiências fora da escola pareceram significativas para que as meninas protagonistas pudessem se impor nas atividades de aula, pois comparando os dados, percebe-se que das sete meninas protagonistas entrevistadas, todas participavam de atividades fora da escola. Quatro delas participavam de esportes coletivos, duas de Balé e uma de Ginástica Artística. Sem contar outras duas meninas Protagonistas que não foram entrevistadas (porque não foram autorizadas pela família), mas que o professor afirmou que praticavam Futebol fora da escola. Enquanto que somente uma das meninas do total de Figurantes, Flutuantes e Excluídas entrevistadas disse participar de atividades esportivas fora da escola. Essa menina era Tábata (Excluída na Escola Paula) que fazia parte de uma equipe de Atletismo. Além disso, uma menina disse praticar musculação.

Garret (2004) defende que a educação física escolar pode ser um espaço privilegiado de experiências para que meninas possam se apropriar das práticas de atividade física e esporte. Mas, apesar de os dados dessa pesquisa indicarem que ainda há uma lacuna nessa questão, ou seja, as meninas que tiveram experiências com as práticas corporais somente nas aulas de educação física tiveram participações mais limitadas quando comparadas com meninas e meninos que têm experiências formais fora da escola, a maioria das meninas que se apropriaram das práticas fora da escola também encontraram nas aulas de Educação Física possibilidades de se impor nas práticas corporais. Essas meninas participaram das atividades de aula sem problemas ou distinção.

Sendo assim, apesar de haver possibilidades para que as meninas rompessem as fronteiras das normatividades de gênero presente naquelas aulas de educação física, essas fronteiras foram rompidas, sobretudo, pelas meninas que adquiriram conhecimentos e habilidades fora da escola, em “escolinhas”. Isso porque a maioria das

meninas Protagonistas tinha experiências em “escolinhas” com os esportes coletivos e tal vivência, o que se assemelha muito com o que era proposto nas aulas observadas, essa proximidade de conteúdos favorece a aplicação dos conhecimentos adquiridos fora da escola nas aulas de educação física. Ou seja, essas meninas Protagonistas já chegavam às aulas de educação física com saberes que facilmente eram transpostos e colocados em prática naquele contexto, o que as colocava em destaque quando comparadas às demais meninas que não tinham tais vivências, não conheciam os conteúdos que eram abordados nas aulas.

Considerações Finais:

As maneiras de participar das aulas são muito mais complexas do que uma lógica binária: Participar X Não participar. Existem várias maneiras de ser e estar nas aulas, formas como participações Protagonistas, Figurantes, Flutuantes e Excluídas.

Ao problematizar neste trabalho que existem diferentes formas de ser e estar nas aulas de educação física, é incômoda a constatação de que meninas ainda ocupam em minoria o lugar de Protagonista nas aulas de educação física. Mais incômodo ainda é constatar que a maioria das pessoas que ocupam o lugar de Protagonista nas aulas teve também experiências de aprendizado com as práticas corporais em espaços formais de ensino fora da escola.

O que alunos e alunas traziam de fora da escola em relação às experiências e conhecimentos sobre o corpo e o movimento tinha grande influência sobre qual lugar esses/as alunos/as ocupavam nessas aulas. Isso porque não são a escola e a educação física as únicas responsáveis pelos entendimentos e usos do corpo de alunos/as. O meio cultural no qual estavam inseridos/as possibilitou experiências e entendimentos distintos para cada um/a sobre os saberes que circulam nas aulas de educação física.

Portanto, um dos caminhos possíveis para se reconfigurar as relações de gênero nas aulas de educação física é pensar a aula como espaço de aprendizagem. Pensar que as aulas devem ser responsáveis por situações de aprendizado e que tal aprendizado deve possibilitar uma igualdade de oportunidade entre os gêneros. Além disso, entender a aula de educação física como espaço de aprendizado possibilita que meninas exerçam o empoderamento de seus corpos. Dessa maneira, professores e professoras devem se desafiar a ir além de gerenciar situações de diferenças, mas desafiar tais diferenças.

Sendo assim, também é necessário que não se pense somente em dar acesso às meninas nas práticas de aula, já que foi percebido que não é porque meninas estão em quadra que de fato participam, podem estar lá como Figurantes. Estar em quadra, dar acesso à atividade não é necessariamente reconfigurar as normatividades de gênero nas aulas de educação física. É necessário pensar, desafiar, questionar os entendimentos sobre o corpo, masculinidades e femininidades predominantes nos conteúdos de aula, para que de fato ocorram essas reconfigurações.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra; edição francesa Tzvetan Todorov- 4ª edição- São Paulo: Martins Fontes, 2003

BRASIL. Lei n. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial**, Brasília de 1996.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO GUACIRA. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difusão Editorial, 1985.

FINCO, Daniela. Escolarização de meninas e meninos brasileiros: o desafio da co-educação. **Pro-Posições**. v.(19), n.(1) Campinas Jan./Apr. 2008.

FINCO, Daniela. Socialização de Gênero na Educação Infantil. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e poder. Anais online. http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf. Acesso em: 30/11/2010.

GARRETT, Robyne. Negotiating a Physical Identify: Girls, bodies and Physical Education. **Sport, Education and Society**. v.(9), n.(2), p. 223-237, Julho 2004.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1989.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v (22), n.(2), p. 17-46, julho/dezembro 1997.

JACÓ, Juliana Fagundes. **Educação Física e Adolescência: “Professor, não vou participar da aulas!”** Trabalho de Conclusão de Curso- Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Brasileira de Educação. n.(19), Rio de Janeiro Jan./Abr. 2002

LAVILLE Christian & DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settinieri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOURO, GUACIRA L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.(20), n.(2), p.71-99. Jul./ Dez., 1995

Sousa, Eustáquia Salvadora. **Meninos à marcha! Meninas à sombra! A história do Ensino de Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a Educação Física na Escola: Para uma Formação Cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, v.(1), n.(1), p. 25-43, Campinas: CBCE e Autores Associados, 2009.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo. A construção do gênero no espaço escolar. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.